

Visado
pela Comissão
de Censura

C. M. B.
BIBLIOTECA

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$⁰⁰ (por ano); 5\$⁰⁰ (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

II

(Continuação do número 28)

Conforme já dissemos, eram um povo muito considerado, não só pela sua antiguidade, como pelos seus feitos de guerra.

Na opinião do Dr. Ribeiro dos Santos, foram eles o tronco dos outros Celtas (tanto dos que passaram à Galiza e assentaram no promontório Nerio, como dos que foram habitar a Betúria na Bética.

Diz Ribeiro dos Santos:

«E por serem tão antigos avoengos dos mais de Espanha, mantiveram para memória e braço de seu nome a primitiva denominação de *Celtas* e de *Celtiberios*, isto é, de Celtas de Espanha ou Iberia Espanhola; com eles estavam misturados muitos Celtas do Tejo, chamados particularmente Lusitanos, que tinham sido transferidos para aquela região pelos romanos.»

A eles pertenciam Halvas, Ehora, Bretola, Serpa, Cepiana, Arcobiga, e outras cidades e povoações.

Talvez, de se confundirem os Celtas, propriamente ditos com os Lusitanos, provenha a confusão notada pelo nosso Alexandre Herculano na descrição que Estrabão faz dos limites da antiga Lusitania ao sul do Tejo.

E, se for certa a emigração dos Celtas Lusitanos (Turdetas e Turdulos) para a Galiza, também fica explicada a mesma incerteza com relação aos limites da Galiza e Lusitania.

O mesmo Herculano, na «Introdução» da sua *História de Portugal*, chama aos Turdetanos que habitavam ao sul do Tejo *Celtiplenícios*, e *Celticos* aos da margem do Ana ou Guadiana.

Não resta, por conseguinte, a menor dúvida acerca da existência de Celtas no imenso território do Tejo ao Guadiana, isto é, no que hoje se chama Baixo-Alentejo.

O que pode dar origem às dúvidas é a influência que as raças estrangeiras exerceram nesse tracto de terra.

Com respeito ao Algarve, — essa notável província que ainda hoje conserva uma certa individualidade — reina grande confusão nos geógrafos, tanto antigos, como modernos.

Plínio atribue aos povos lusitanos tudo o que se encerra desde a bôca do Guadiana até ao promontório Sacro.

Ptolomeu chama particularmente Turdetanos aos que habitavam o espaço de terra compreendido desde a bôca do Guadiana, pelo promontório Sacro, até ao Barbario (ou cabo de Espichel), dando-lhes as cidades de Balsa, Ossonoba, Salaria e Cetobriga, e no Mediterraneo, desde o promontório Sacro, as cidades de Julia Myrtilis e de Pax Julia, — o que provém talvez, (diz Ribeiro dos Santos) de tomar os Turdulos que ali habitavam por Turdetanos.

Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico* diz:

*Passa présto o Cunéo, que a Turdetana
Gente do Algarve diz Santa Maria.*

É provavel, pois, que fossem esses os primeiros habitantes.

O nosso Ribeiro dos Santos diz a este respeito: «Os Turdetanos da Lusitania eram povos diversos dos Turdetanos da Bética, mas seus parentes e vizinhos e sômente separados deles pela interposição do rio Guadiana, que dividia a província Lusitânia da Bética.»

(Continua)

Fra Casil.

Carta de Barcelos

Tomou posse a Comissão da União Nacional a qual lhe foi conferida pelo Ex.º Sr. Dr. Matos Graça, illustre Governador Civil do distrito.

—Tem estado entre nós o Ex.º Sr. Euleutério Cerdeira, do Porto, mas muito estimado entre nós.

—Foram agregados à Comissão das Festas das Cruzes os Srs. Manoel de Sousa Martins e Manoel Ferreira Lemos, aquele como



Nossa Senhora da Franqueira

delegado do Grupo Alcaide de Faria e este como delegado do Grupo Amigos do Castelo de Faria.

—Estiveram no Porto os nossos amigos Manoel Ferreira Lemos e António Dias Gomes, comerciantes desta praça.

—Abriu um curso noturno para adultos no Circulo Católico de Operários, tendo grande frequência.

—A gripe continua a apoquentar a gente da cidade.

—Chegaram as primeiras andorinhas anunciadoras da próxima primavera.—C.

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de
Pinho Leal

(Continuação do número 28)

Barcelos foi a primeira terra erecta em condado pelos nossos reis.

Até então havia condes, mas sem título particular de terra alguma.

Juntavam ao seu nome este título, como, v. g. — Conde D. Mendo, Conde D. Sismando, etc.

O segundo Conde de Barcelos foi D. Martim Gil de Sousa, alferes-mór de D. Diniz, casado com D. Violante Sanches, filha do primeiro Conde.

Está sepultado no Convento de Santo Tirso.

O terceiro foi D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz e seu alferes-mór. Está sepultado no Convento de S. João de Tarouca. (É o autor do Mobiliario).



O Evangelho

Estava Jesus expulsando um demônio e este era mudo. Tendo lançado fóra o demônio, falou o mudo, e admirou-se a multidão; alguns disseram: «Em virtude de Belzebú príncipe dos demônios, e que ele nos expulsou». Outros querendo-o tentar pediam lhe um prodígio do Céu; mas ele conhecendo-lhes as intenções, disse: «Todo o reino dividido em partidos, será desolado, e cairá casa sobre casa. Pois também se Satanaz está dividido, como permanecera seu reino? Vós dizeis que eu expulso o demônio em virtude de Belzebú. Se eu lanço fóra os demônios pela virtude de Deus, logo chegou a vós o reino de Deus. Quando um homem forte e armado guarda a entrada de sua casa, está seguro quanto possui; mas se sobrevem outro mais forte do que ele, e o vence, tirar-lhe há todas as armas, em que tinha confiança, e distribuirá seus azeijos. O que não está comigo, é contra mim; e o que não recolhe comigo espulha. Quando o espirito animado sai dum homem, anaa pelos sítios ários buscando descanso, e não o encontrando diz: voltarei para a minha casa donde saí; e voltando a ela encontra a limpa e ornada; então vai, toma outros espiritos piores do que ele, e entramos habitam aí; e os fins daquele homem tornam-se piores do que os principios». Sucedeu que fazendo estas coisas, levantou uma mulher a voz dentre a multidão, e disse: «Bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te alimentaram». Mas ele respondeu: «Antes bemaventurados os que ouvem a palavra de Deus e a observam».

Mudêz espiritual

Estava Jesus expulsando um demônio, e este era mudo.

Avisinhando-se já o cumprimento do preceito pascal, e falando-nos muitas vezes no tempo de penitência e oração, como é o da Quaresma, a santa Liturgia da Igreja apresentamos muito oportunamente o Evangelho de hoje, para nos instruir com o exemplo do endemonnhado mudo, a quem Jesus Cristo curou.

Diz-nos este Evangelho que apresentaram em certa ocasião ao divino Mestre um surdo-mudo, não que o fosse por natureza, mas por efeito do poder do demônio que o impedia de ouvir e de falar, e que, assim que Jesus expulsou o demônio do corpo daquele homem, este falou com perfeição, o que causou a admiração do povo que presenciou o milagre.

Muitas vezes se repete espiritualmente este milagre durante o santo tempo da Quaresma, pois vemos a muitos que estavam surdos para ouvir os rebates da consciencia e mudos para dar louvores a Deus e confessar seus pecados, entram dentro de si mesmos nestes dias, escutam a voz de Deus e confessam-se.

Vamos estudar brevemente este assunto na prática de hoje, afirmando que nos devemos curar da mudêz espiritual de que padecemos tantas vezes, aplicando para este fim os meios convenientes.

Assim como há muitos cegos na alma, conforme vos expliquei num dos domingos anteriores, assim também há mudos espirituais, não porque tenham perdido o uso da palavra mas porque não a empregam como é mister; falam quando deviam estar calados, e calam-se quando deviam falar como Deus manda. E' que estão possessos do demônio mudo, como lhe chama o Evangelho. Vamos ver se o expulsamos de todas as suas trincheiras.

I.—Três formas distintas reveste a mudêz espiritual, qual delas a mais funesta; mas bastará descrevê-las, para patentear a sua abominável fealdade, como obra do demônio que são. Com efeito:

1.—Há mudêz para falar com Deus.

A primeira forma ou classe de mudêz espiritual, e a primeira trincheira em que se esconde o demônio, é não falar com Deus na oração. Encontrareis pessoas, e que é frequente, muito palradoras para a murmuração, para a intriga, para a linguagem despegada, para as pragas e insultos, mas muito silenciosas

e até mudas de todo quando se trata de se encomendarem a Deus, de rezar bem, de louvar ao Senhor e dar-lhe graças. E dizem que não se lembram de rezar, que não sabem o que hão-de dizer a Deus; apoderou-se delas o demônio mudo...

Que miséria! Terão muitas e expressivas palavras para agradecer um beneficio a qualquer pessoa, e nada lhes ocorre para dizer a Deus, de quem estão recebendo sempre imensos beneficios, como são os da criação, conservação, redenção, justificação, e mil outros que dependem deles. Têm língua para pedir ás creaturas o remédio de qualquer necessidade que as afflige, e nada se lhes oferece para pedir a Deus, quando não são os bens materiais que são a varredura de suas casas...

Não procederam assim os Santos, que não se cansavam de louvar a Deus, dizendo com David: *Louvarei o Senhor em todo o tempo; não cessarão meus lábios de pronunciar os seus louvores.* (Psal. XXXIII).

2.—Há mudêz para confessar a fé.

Outra forma muito comum que reveste a mudêz espiritual é a covardia de não sair em defesa da fé e da religião quando se ouve disparatar contra ela, e não se manifestar a creença religiosa quando se teme algum sarcasmo dos circuntantes. E' a ligadura que põe na língua o vil respeito humano, ou, para dizer melhor, o demônio, que se entrincheira no mudo, porque, conforme diz S. João: *O mundo todo está possuído do espirito maligno.* (I Joan., V, 19).

E quantos covardes há no mundo! Blesnam de cavalheiros, e até de católicos, se quizermos; mas calam-se como mudos, quando temem uma zombaria ou um sorriso daqueles que os podem apontar como religiosos ou beatos; não se atrevem a mostrar a sua fé quando passam diante duma igreja, descobrindo-se, nem a rezar um Padre-nosso diante de outros, nem a protestar quando ouvem uma blasfêmia ou heresia: *Cães mudos*, chama a estes o profeta Isaias (LVI, 10), que não sabem gritar quando o tinham por obrigação.

Semelhante procedimento não será cobardia e vilêza?

3.—Há mudêz para confessar os pecados.

Mas a mudêz espiritual mais frequente e, por desgraça, mais propria do época ataca a muitos, impedindo-os de confessar os seus pecados. Aqui toma parte principal o demônio mudo. Encontrareis homens cuja língua se desata a murmurar contra Deus e contra o próximo, que até se gloriam deante de quem quer do que fazem, que sentem a necessidade de contar e desafogar os desgostos no coração dum amigo ou dum companheiro, seja quem for; mas que tratando-se de confessar os pecados deante de Deus por intermédio do sacerdote, para obter o perdão deles, se encontram mudos e sem palavra; e se ás vezes se determinam a fazê-lo, porque sentem necessidade de aliviar o coração, vem o respeito humano e reaparece a vergonha, que não tiveram para pecar, e impede-os agora de confessar os pecados.

E trata-se de falar ao melhor amigo e confidante, ao mais hábil das médicos e advogados, a Jesus Cristo, o mais benigno juiz, no tribunal da penitência! Que desgraça! Haverá enfermo que não manifeste ao médico as chagas e as doenças de que padece? E se as manifestasse todas menos uma, certamente se exporia a morrer, por não ajudar o médico a formar bem o seu juizo a respeito da enfermidade.

Pois quanto mais nas doenças da alma, em que se trata da salvação eterna! Ponhamos nisto todo o cuidado e diligência; assim o entendia o Real Profeta David, quando disse: *Confessarei ao Senhor, contra mim mesmo, a minha injustiça; e tu (Senhor) perdouaste a malícia do meu pecado.* (Psal. XXVI, 5.)

II.—Como alcançar tudo isto? Ensina-o o Evangelho de hoje:

1.—Desprezando o mundo.

Entre os numerosos espectadores do feito prodigioso referido pelo Evangelho, admiravam-se uns e louvavam ao Senhor, enquanto outros o caluniavam atrozmente; mas Jesus Cristo não fez caso, e seguiu operando maravilhas e prégando a sua doutrina de salvação, sem se alterar com coisa alguma.

Assim devemos nós proceder. O mundo é e será sempre o mesmo, enganoso e calunioso dos bons, que umas vezes louva e outras censura. Quem é que faz caso dum hipócrita e mentiroso? Sempre acharemos vitupérios á mundo, se fórmos bons; *mas confiai, eu venço o mundo*, diz Jesus Cristo. (Joan., XVI, 33).

2.—Expulsando o demônio.

E como a mudêz espiritual provém do demônio, como se vê no mudo do Evangelho, resisti-lhe e vos curareis: *Resisti ao diabo, e fugi á de vós.* (Jac., IV, 7). Quando vos impede de orar, fazei o sinal da cruz; quando vos ata a língua para confessar a fé ou os pecados, amaldiçoai-o e cobrai ânimo, como discípulos e soldados de Jesus Cristo, lembrando-vos de que pertenceis ao exército em cujas bandeiras se lê: *Não me envergonho do Evangelho.* (Rom., I, 16).

3.—Pedindo o auxilio de Maria.

De entre a multidão que caluniava Jesus Cristo, levantou-se a voz duma valorosa mulher, que louvava a Mãe de Jesus, diz-nos o Evangelho. Recorramos á Mãe de Jesus, que é nossa Mãe, e veremos como ela nos torna fácil a oração e a confissão...

Cristãos: Apresentai-vos a Jesus Cristo, os que estais mudos da alma; e os que não estais, apresentai-lhes os inumeráveis mudos a quem o demônio atou a língua, como lhe apresentaram o mudo do Evangelho; Ele os curará da tríplice mudêz que estudamos, o que se conseguirá desprezando o mundo, expulsando o demônio e pedindo o auxilio da Mãe de Jesus.

Considerações oportunas

(Continuação da 1.ª página)

de lhe pedir a sua protecção eficaz para a Igreja, obra de Jesus, seu Filho adoptivo.

A dedicação á Igreja, a defeza da Igreja é um dever de consciencia para todos os católicos, de todos os tempos e de todas as nações. Como católicos, pertencemos a esta grande sociedade, a Igreja, todos temos obrigação de cooperar, trabalhar, empregar todos os esforços para que Ela desempenhe a missão de que foi incumbida por Jesus, ao fundá-la a salvação das almas.

Esse trabalho não pertence, como muitos erradamente pensam, apenas ao clero, mas a todos os filhos, membros da Igreja. E' o divino Espirito Santo que o diz: *Mandou a cada um tratar do seu próximo* (Eccles., XVII, 12).

E' preciso olhar não só pelas misérias corporais, mas também e sobretudo pelas necessidades morais; e a Igreja a tudo olha, de tudo se preocupa. Aí estão as múltiplas dores de caridade corporal, de acção moralisadora dos individuos, e dum sublime esforço pelo progresso social. Em que tempo e onde appareceu jámais uma instituição que tanto se preocupasse e trabalhasse, mais fizesse a favor da humanidade, do que a Igreja Católica? Esta dedicação á Igreja é dever de todos os católicos, e hoje mais do que nunca, em que ella é tão perseguida. E fácil é essa dedicação á Igreja; bastava o pequeno esforço de cada um de seus filhos auxiliado pela protecção do Céu, para que a Igreja triunfasse de todos os seus inimigos e maiores beneficios dispensasse á pobre humanidade.

Peçamos pois ao grande Patriarca S. José, patrono da Igreja, que de Jesus consiga as luzes e graças bastantes para que todos os católicos cumpram o seu dever, façam bom uso dos talentos por Deus a todos dispensados. E' o bem de cada um, é a felicidade de todos que assim o pedem, sejamos devotos, orando e trabalhando.

VARIEDADES

O Senhor fóra

Noite fria e sem luar...
Grita o sino-atém, na igreja...
Depois ouve-se cantar:
"Bendito e louvado seja..."

Essa mística harmonia
Morre ao longe como um ai...
E Jesus-Eucaristia,
Que a algum moribundo vai.

E esse côro acorda as casas
E enche as bem da paz de Deus!
Faz lembrar murmú tos de azas
De anjos a descer dos céus!...

Então abrem-se as janelas
E engrinaldam-se de luz,
Alumando como Estrelas
O caminho de Jesus!

Trinam beijos, há carinhos,
Nesse côro que voceja,
Abençoando os caminhos:
"Bendito e louvado seja"

Minha terra, meu amor,
Faze assim, faze também.
Canta hosanas ao Senhor,
Sempre que Ele vá a alguém!

Não o deixes ir sósinho!
Vai buscá-lo à nossa igreja
E canta todo o caminho:
"Bendito e louvado seja"

Maria Augusta Nogueira.

O culto de S. José

Foi no século IX que a Igreja escreveu no martirologio o nome do santíssimo Espóso de Nossa Senhora.

Em 1476, instituiu Xisto IV a sua festa, que Gregório XV e depois Urbano VIII entenderam a todo o orbe católico.

Em 1724, Clemente XI compôs officio especial em honra de S. José, e elevou a sua festa a rito de 2.ª classe.

Bento XII, incluiu o seu nome nas Ladainhas Maiores.

Em 1870, Pio IX proclamou S. José Padroeiro da Igreja universal e decretou que a sua festa fosse de 1.ª classe.

Em 1890, Leão XIII mandou que o dia 19 de Março fosse guardado como dia santo em Espanha e Portugal.

Tais princípios, tais fins

Possidónio, curioso,
Levadinho do demónio;
Procura tirar partido
Indo sempre pós Sidónio.

Florentina, por não ter
Onde plantar a bovina;
Não é tarde para a ver
Ir plantar a jôr em tina.

Geraldina, se ao teatro
Contigo for a Rufina,
Não vá esta p'ra cadeira,
Indo para a geral Dina.

Miquelina, se no jogo,
Entende micar a Lina;
Vai lá fora e volta logo
Deixa lá que mique Lina.

O Almada nada deu
Para os pobres, no Natal,
Mas p'ros Reis a bem ou mal,
O alma danada deu.

Lebricho.

NOTA ALEGRE

Um professor de gramática explica aos seus discípulos os tempos do verbo e, para se certificar de que compreenderam bem o modo imperativo, obriga-os a praticar exercícios.

—Vamos a vêr, Manuelito, como pões no imperativo esta oração:

«Os soldados combatem pela pátria.»

—Soldados, combatei pela pátria!

—Muito bem, Agora tu, Joanico, converte em imperativo esta outra:

«O burro puxa pela carroça.»

O pequeno fica um momento perplexo e de repente responde:

—Arré burro!

*

O orador:

—Devemos ser patriotas. Vede, por exemplo os árabes, como estão ligados ao seu país.

Uma à part.:

—Puderal É lá o país da gôma arábica!

Seqüência

(Continuação do número 11)

Vós que sois que me createis,
Vós que sois quem deu-me o ser;
Vós me haveis de socorrer
Já que por mim encarnaste.
E's humilde e me ensinaste
Oro supplex et acclinis
Cor contritum quasi cinis:
Perdoai minha cegueira,
E na hora derradeira,
Gere curam mei finis.

Então me haveis de valer,
Então me haveis de acudir,
P'ra que não chegue a sentir
O que se deve temer.
Sim, pois, quando amanhecer,
Lacrimosa dies illa,
Aonde o fogo fuzila
Ver-se há o pecador,
No dia de mais horror
Qua resurget ex favilla.

Então, meu Jesus, rendido
A vosso acatamento,
Dai-me sequer um momento
Em que me prostre sentido.
Aceitai todo o gemido
Que der por pecados meus.
Judicandos homo reus,
E se aos réos se perdôa
Esta consequência é boa.
Huic ergo pace Deus.

Fim.

Secção charadística

ENIGMA

Ao denodado charadista Êlio

Nascido lá num burgo trasmontano
Muito perto d'Alfandega da Fé.
Em tempos p'rá cidade veio o Zé,
O qual um mercador hoje é de pano.

Da vinda, que foi feita há muito ano,
Montado num magriço pangaré,
Se lembra do precurso feito a pé,
Alvío dando assim ao seu cabano.

Por matas e terreno alagadiço,
Pisando veio o Zé e seu magriço,
Por inda o macadam não 'star em moda.

De volta à terra, enfim, anos volvidos,
De pedras, tais caminhos vê sortidos,
Por onde qualquer carro agora roda.

Lebricho.

LOGOGRIFO

Aos distintos e soragidos charadistas Urze da Serra e Lírio do Vale.

Quando um dia, meu Deus, me levardes—7,6,4,5,3
Desta vida p'ra outra melhor,
Eu vos peço p'ra não me deixardes
Sucumbir sem tomar o Senhor.—1, 2, 3

Mais vos peço, meu Deus, muito tardes—2,1,9,5,8
Em me dar essa prova de amor;
E somentes a Vós me chamardes
Quando eu seja do Ceu mer'cedor.

E chegado que seja êsse dia,
Eu confio na Virgem Maria
—Que por todos 'stá sempre a pedir—3, 4, 1, 9

Que de mim muito junta há-de estar—2, 3, 4, 1, 9
P'ra minh'alma em se as braços levar
Quando a vida p'ra mim se extinguir.

Lebricho.

DOCTRINA

Há algumas verdades religiosas tão necessárias de saber-se que, quem, tendo o uso da razão, as ignorar, corre o risco de se não poder salvar. Essas verdades são: a existência de Deus premiado dos bons e castigador dos maus; o mistério da Santíssima Trindade e a Ineação, Paião e Morte de Jesus Cristo. Além destas há outras que é necessário saber: 1.º todas as que se contêm no Credo ou Símbolo dos Apóstolos; 2.º todas as que explicam o número, eficácia e bom uso dos Sacramentos, ao menos dos que há necessidade de receber. 3.º todas as que se exprimem no Decálogo e nos cinco mandamentos da Igreja; 4.º todas as contidas na oração Dominical e na Ave-Maria.

A fé para ser verdadeira deve ser firme, absoluta e universal. Firme porque, alhandando-se apoia na testemunha do próprio Deus, infinitamente sábio, nada deverá arredar-nos dela. Absoluta, porque pela mesma razão, não há possibilidade de dúvidas ou tentações. Universal, isto é, deve estender-se a todas as verdades, sem exclusão de uma só.

A fé daquele que se julgar verlateiramente ciente e o quizer ser na sua vida não pode ser de outra forma.

CHARADAS

EM VERSO

Logo à tarde devo ter—2
Dum barril meade cheio,—2
De certo medicamento
De cravagem de centeio.

Madre Helena

EM FRASE

A galinha está em cima da juvia a comer a fruta.—2-1

Viver em socêgo e isolado, é proprio do pachorrento.—3-1

H. Raio

SINCOPADAS

(por sílabas)

3—Uma narração cantada é muito agradável ao animal.—2

3—É muito custosa esta pedra.—2

L. Heitor

(por letras)

6—Francês estatuario foi benquisto,
Alem de general foi escritor,
Formou-se romancista, o que registro,
Ao drama dedicou-se com ardor.—5

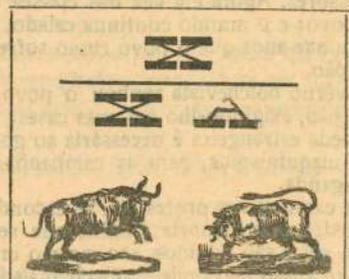
DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Veio da vila há trez dias
O jarreta Barnabé,
Ouvir prègar homilias
Na festa havida na Sé.

Miss Iva.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

(14 LETRAS)



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no n. 10, são: Contrafactor, Protótipo, Publicola, Puridade, Resolução, Plutas-Pluto, Rolêta-rola, Réprobo-rêbo, Ana, Doutrina-doutrina, Obito-oito, Marco de Canaveses e Sobreumano.

Lebricho.

O quarto foi D. Martim Afonso.
 O quinto foi D. João Afonso Telo de Menezes, alferes-mór de D. Pedro I e mordomo-mór de D. Fernando.
 Também era Conde de Ourém.
 O sexto foi seu filho D. Afonso Telo, que não teve geração.
 O sétimo foi D. João Afonso Teles de Menezes.
 Alguns persuadem-se que Tello é apelido mais nobre de que Telles.

E' erro. Vem tudo a ser o mesmo, quanto a nobreza; porque Telles significa filho ou descendente de Telo.

(Vide «Origem dos apelidos»).

D. João Afonso Teles de Menezes era irmão da Messalina portuguesa, D. Leonor Teles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, e ao qual D. Fernando I a roubou, anulando o casamento e casando com ela.

Este sétimo conde de Barcelos, era também alcaide-mór de Lisboa e Almirante de Portugal

O oitavo foi o excelso D. Nuno Alvares Pereira (o Condestável), feito por D. João I, em 8 de Outubro de 1385.

D. Nuno deu este condado em dote a seu genro D. Afonso, primeiro duque de Bragança e nono Conde de Barcelos.

(Já disse que este D. Afonso era filho natural reconhecido de D. João I.

D. João I fez o Condestável conde de Barcelos em prémio da gloriosa vitória de Valverde (Espanha) na qual este famosissimo guerreiro—derrotou 30.000 Castelhanos.

De D. Nuno procede a casa de Bragança e por conseguinte um grande número de casas reinantes da Europa e a família imperial do Brasil.

(O exército Castolhano em Valverde era comandado pelo grão-mestre da Ordem de S. Tiago, que morreu na ação; esta teve lugar a 5 de Outubro de 1385).

O titulo de Conde de Barcelos se continuou nos duques de Bragança até D. Sebastião I, que o elevou a ducado, nos primogénitos da mesma casa, e foi primeiro duque de Barcelos D. João filho de D. Teodósio, primeiro duque de Bragança.

Desde a elevação de D. João IV ao trono de Portugal, ficaram anexos à casa real os títulos de Duque de Bragança e de duque e conde de Barcelos.

*

Barcelos foi a maior comarca de todo reino, pois compreendia todos os territórios que o ducado de Barcelos tinha no Minho e na

actual provincia do Douro, até proximo de Aveiro.
 Era terra muito populosa, e dela diz o poeta portuguez Manuel de Galegos, no seu *Poema Epithalamio*, oitava 81.ª:

«Só em Barcelos houve alardo um dia
 Em que o sol pelos campos dilatador,
 Com terrível e féra galhardia
 Dezassete mil peitos viu armados».

Fra Casik

(Continúa).

Os melhoramentos da Franqueira

Torna a mover-se a Comissão administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira para conseguir a continuação das Obras já ali principiadas no ano findo.

Sabemos que a referida Comissão animada da melhor das boas vontades vai novamente encetar o pedido do auxílio de todos quantos o podem fazer e tem devoção para com a Virgem da Franqueira.

E' de esperar que a gente de Barcelos e seu concelho saiba corresponder condignamente ao apêlo que oportunamente lhe vai ser feito.

O Monte da Franqueira está já bastante modificado e arborizado, melhoramentos que além de representarem o dispendio de alguns milhares de escudos, mostram bem quanto trabalho aquela Comissão ali tem empregado a par de grandes sacrificios.

E' preciso pois ajudar a Comissão da Franqueira.

Procedendo assim mostramos que o nosso desejo é vêr Barcelos progredir.

«Ecos da Franqueira»

Encontram-se na C.ª Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despesas do correio.

«E' POSSIVEL QUE O MUNDO CONTINUE CALADO?»

O vibrante protesto de Alexandra Tolstoi contra os massacres do governo bolchevista

A Igreja Católica, o Papa, vigário de Cristo, protestaram sempre

O documento que vai lêr-se é da autoria da filha mais nova de Leão Tolstoi, Alexandra Tolstoi, publicado em 15 do mês passado, a pedido da sua autora, *Morning Post*, de Londres:

«Quando em 1908 o meu pai, Leão Tolstoi, leu a proposta de execução de vinte revolucionários, por parte do governo do Tzar, experimentou tão grande dôr que o levou a escrever o seu famoso artigo: «Não posso calar-me». E o povo russo acolheu o seu grito como um protesto comum contra a execução.

Ora em 1933, quando no Cáucaso setentrional se praticam horribes carnificinas, quando milhares de pessoas são mortas e exiladas todos os dias, e o meu pai já não pode protestar, sinto que é meu dever erguer a minha débil voz contra este geral assassinio.

Durante 12 anos trabalhei na Rússia soviética, procurando servir o povo no espirito dos ensinamentos de meu pai. O terror progredia sob os nossos próprios olhos. E o mundo calava-se. Milhões eram exilados, morriam nas prisões, nos campos de concentração da Rússia setentrional. Milhares eram mortos. Os bolchevistas começaram por perseguir as classes inimigas: os religiosos, velhos sacerdotes, os homens de ciência, os professores. Agora é a vez das classes trabalhadoras, do povo: e o mundo continua calado.

Há quinze anos que o povo russo sofre a fome e a escravidão.

O governo bolchevista roubou o povo, arrancando-lhe o pão, exigindo-lho das suas casas.

A moeda estrangeira é necessária ao governo para comprar maquinismos, para as campanhas mundiais de propaganda.

Se os camponeses protestam, se escondem o pão, para o sustento da própria família, que se negam a cultivar o solo, são punidos, são mesmo mortos.

O povo russo não pode suportar mais isto.

Aqui e além estalam revoltas. Acoçados pela fome, longas filas de camponeses fogem da Ucrânia.

Qual é a resposta que o governo soviético dá a estes factos? Publica decretos que expulsam de Moscovo o terço da população: subjuga os camponeses revoltados e os operários com metralhadoras e gases

venenosos. Desde os tempos de Ivan, o terrível, a Rússia não viu terror semelhante. Quando a população de Kuban se levantou em protesto, o governo tomou as mais horribes medidas de vingança. Foram justificadas famílias inteiras, e 45.000 mulheres e crianças foram arrebatadas dos seus lares e mandados por ordem de Staline para a Sibéria onde encontraram a morte nos campos de concentração.

E' possível que o mundo continue a calar-se?

E' possível que os governos continuem a fazer tratados de comércio com os assassinos bolchevistas, reforçando o governo soviético que ameaça os seus países?

Continuará a S. D. N. a discutir os problemas de paz e desarmamento com os representantes dum governo, cujo principal método de acção é o terror?

Continuarão idealistas, como Romani Roland, e escritores, como Henry Basbusse e Bernard Shaw e outros, a cantar loas ao paraíso soviético? Não compreendem eles que, unindo-se aos sovietes, são responsáveis pela actividade e crimes destes? E' possível que haja ainda pessoas que criam que a cruel ditadura dum partido, cujo escôpo é destruir a civilização, a religião e a moral no mundo, seja socialismo?

Onde estais vós que pregais o amor, a fé, a fraternidade, onde estais vós, cristãos, pacifistas, sociólogos e socialistas? Por que estais mudos? Não ouvís o grito de socorro? Ou pensais ainda que a felicidade humana possa coexistir com o assassinato, a escravidão, a violência?

Dirijo-me àqueles que ainda acreditam na fraternidade entre os homens, religiosos, socialistas, escritores, sociólogos, mães e esposas. Abri os vossos olhos. Uni-vos num protesto comum contra a tortura de 160 milhões de russos sem defesa!

*

Formidável documento perante o qual só fica de pé, de frente bem erguida, a Igreja Católica—mau grado a invocação de Alexandra Tolstoi aos «cristãos»!

Das «Novidades».

Calendário da Semana

MARÇO

- 19 Domingo. S. José, Esposo da Bem-aventurada Virgem Maria.
- 20 Segunda. S. Martinho de Dume, Bispo, Confessor.
- 21 Terça. S. Bento, Abade.
- 22 Quarta. Santa Catarina de Génova, Viuva.
- 22 Quinta. S. José Oriol, Sacerdote.
- 24 Sexta. S. Gabriel, Arcebispo.
- 25 Sábado. Anunciação da Bem-aventurada Virgem Maria.

Agulhas e alfinetes

Numa taberna de Pousada havia há anos esta quadra:

Meus senhores,
 Peço atenção:
 Amanhã fio,
 Hoje não.

Outro poeta-taberneiro pintou na porta esta quadra:

Hoje não se fia,
 Amanhã sim
 Os maus pagadores
 O quiseram assim,